

# **INCLUSÃO ESCOLAR: O PROCESSO DE ESCOLARIZAÇÃO DE EGRESSO DE ESCOLA ESPECIAL MARCADO PELA TENTATIVA DE RETORNO APÓS INCLUSÃO NO ENSINO COMUM**

**Anderson Borges de Santana<sup>1</sup>; Tatiana Platzer do Amaral<sup>2</sup>**

Estudante do Curso de Pedagogia; e-mail: [ab-santana@hotmail.com](mailto:ab-santana@hotmail.com)<sup>1</sup>  
Professora da Universidade de Mogi das Cruzes; e-mail [tatiana@umc.br](mailto:tatiana@umc.br)<sup>2</sup>

**Área do Conhecimento:** Educação

**Palavras-chaves:** educação inclusiva, educação especial, processo de escolarização

## **INTRODUÇÃO**

Esta pesquisa tem como tema a inclusão escolar de alunos especiais na rede pública de ensino, configurando-se como um desdobramento da pesquisa intitulada “O Registro dos Profissionais Acerca de Alunos de Escola Especial”, desenvolvido desde agosto de 2006 e terminada em julho de 2007. Tem como objetivo **compreender o processo de inclusão escolar insatisfatória de ex-alunos de escola especial no ensino comum, a partir do relato da mãe do aluno.** Entende-se a Educação Especial, segundo Ferreira (1998), como uma modalidade de ensino voltada aos portadores de necessidades especiais, oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, conforme determinam o inciso III do art. 208 da Constituição Federal de 1998 e o art. 58 da lei 9394/96. Destaca-se que as políticas públicas atuais estejam voltadas à educação inclusiva, resultado do movimento dos anos 90 de 1900. Educação Especial e Educação Inclusiva precisam ser entendidas historicamente a partir do reconhecimento de especificidades do ensino comum da escola pública no Brasil. Segundo Patto (1999) o desenvolvimento da política educacional se deu em meio à existência da crença no talento individual como base para o sucesso social. Alunos da Educação Especial e da Educação Inclusiva vivenciam um processo de escolarização marcado pelo descrédito social em suas capacidades de aprender, o que tem como consequência a permanência por um longo tempo na escola sem que o aluno aprenda os conceitos básicos, seja na escola especial ou na comum. Enfim, não alçam uma escolarização para além das séries iniciais.

## **OBJETIVOS**

O objetivo geral foi compreender o processo de inclusão escolar insatisfatória de ex-alunos de escola especial no ensino comum, a partir do relato da mãe do aluno. Os objetivos específicos foram: Recuperar o processo de escolarização do ex-aluno de escola especial; Analisar os motivos de tentativa de retorno à escola especial e; Investigar o conhecimento construído ao longo do processo de escolarização.

## **METODOLOGIA**

Esta pesquisa caracterizou-se por uma abordagem qualitativa que se configura como Estudo de Caso, o que permite maior flexibilidade quanto à coleta e análise dos dados. A abordagem qualitativa de uma pesquisa é a mais recomendada para se entender um fenômeno social. Foram feitas entrevistas com a mãe de um ex-aluno de escola especial regularmente matriculado no ensino comum, mas que tinha como intenção retornar à escola especial. Também foram analisados documentos, como um caderno antigo do

aluno. As informações contidas nas entrevistas e originárias da observação foram organizadas, a partir dos objetivos estabelecidos, de forma que possibilitem o entendimento do processo de inclusão insatisfatória na educação comum.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram realizadas três entrevistas com a mãe do aluno, a fim de se obter informações sobre a trajetória do mesmo, desde o início de sua vida escolar até a sua tentativa de retorno à escola especial, precedida pelo surgimento da sua condição de especial. Lauro (nome fictício) é um menino de 13 anos que atualmente frequenta a 2ª série da classe especial em uma escola estadual. Não costuma falar sobre o cotidiano escolar à sua família, e quando fala o faz somente sob muita insistência. Reside em um bairro da periferia do município de Mogi das Cruzes, junto com seus pais e seu irmão. Seu pai, 52 anos, atualmente trabalha como porteiro em São Paulo, parou de estudar na 4ª série. Sua mãe trabalha como doméstica, tendo abandonado a escola na 4ª série, uma vez que a escola ficava longe de sua casa. Costuma dedicar boa parte de seu tempo livre às questões referentes à vida escolar do filho, sendo a principal responsável pela escolarização do mesmo. Seu irmão é mais novo, está com seis anos, e em breve ingressará na escola. Segundo a mãe parece não ter os mesmos problemas do irmão. A gravidez de Lauro foi bastante agitada e acabou nascendo depois do tempo. Lauro costuma se relacionar melhor com pessoas mais velhas, tendo vários conhecidos em seu bairro. Porém não tem amigos na escola, segundo a mãe. Com relação à **recuperação do processo de escolarização do ex-aluno** é possível resumir sua trajetória da seguinte forma:

ANO	IDADE	ESCOLA	SÉRIE	SITUAÇÃO
1997	3	Pré-escola		
2002	7	Escola municipal 1	1ª	Aprovado
2003	8	Escola municipal 2	2ª	Retido
2004	9	Escola especial	1ª	Aprovado
2005	10	Escola especial	2ª	Evadiu no início do ano
2005	10	Escola estadual - Classe especial	2ª	Retido
2006	11	Escola municipal 1 - Classe comum	2ª	Retido
2007	12	Escola municipal 1 - Classe comum	2ª	Evadiu antes do término do ano
2008	13	Escola estadual - Classe especial	2ª	Em andamento

Desde os três anos queixas referentes ao comportamento de Lauro foram regulares, como por exemplo, não interação com alunos e professores, não participação em atividades e brincadeiras, choros regulares dentre outros. Fez eletro-encefalograma que não acusou nenhuma anomalia. A mãe chegou a mudá-lo de escola com a esperança de possível melhora, o que não ocorreu. Levou-o a um psicólogo, tinha na época 8 anos, e em três sessões, foi diagnosticada deficiência mental e identificada a idade mental de 4 a 5 anos. Mediante a esse resultado, a psicóloga encaminhou o aluno a uma escola especial. De acordo com Glat (1989): “Esse rótulo acarreta um julgamento antecipado do indivíduo como alguém totalmente desprovido de raciocínio, potencial de aprendizagem ou capacidade para qualquer tipo de desempenho formal ou acadêmico” (p.19) Na escola especial, com 9 anos, após avaliação da equipe multidisciplinar foi inserido em uma primeira série com adaptações e no final do ano letivo promovido novamente para a 2ª série. Tornou-se mais comunicativo, de forma a interagir mais com

os colegas e a própria família. No entanto, no ano seguinte a mãe precisou desligar o filho da escola por motivo de mudança da sua família para São Paulo. Seus pais tentaram sem sucesso encontrar outra escola especial na região. Acabaram matriculando o filho com 10 anos na 2ª série de uma escola pública estadual com classe especial para deficientes mentais. Sua mãe apontou que o ensino da escola era fraco, sem que houvesse nada de aprendizagem significativa durante esse tempo ou qualquer situação com seu filho. Após esse breve período, a família retornou para Mogi das Cruzes, matriculando Lauro na mesma escola onde ele cursou a primeira série, aos 11 anos (novamente na segunda série). Inicialmente não houve problemas entre a escola e o aluno, o que causou estranheza na mãe, considerando o histórico anterior. Mesmo os relatórios da escola mostravam uma realidade até então desconhecida pela mãe, registrando comportamento e desempenho satisfatório. Todavia, após breve período, os relatórios da escola apontaram todas as dificuldades conhecidas de uma outra forma: Lauro ficava isolado em uma sala, sem colegas ou professoras, dormia no banco do pátio ou prestando auxílio nas manutenções da escola até que uma funcionária disse que não estavam sabendo trabalhar com Lauro, que ele era inteligente, mas não estava sendo bem estimulado. A situação atingiu o seu ápice quando a mãe se ausentou da reunião de pais por julgar que não teriam nada para falar de seu filho e Lauro saiu sozinho da escola, segundo um funcionário da escola que o alcançou e o levou até sua mãe, mostrando-se rude e impaciente pela situação inesperada e por ser obrigado a levar o aluno até a casa. A mãe decidiu procurar a diretoria de ensino e foi encaminhada ao Conselho Tutelar. Após a denúncia no conselho que entrou em contato com a direção da escola. Como retaliação Lauro foi impedido de participar de um passeio promovido pela escola, sob a alegação de “medo” do comportamento do aluno. Ainda entendido como retaliação, em outra ocasião, Lauro foi ameaçado de “ser levado pela polícia”, após se recusar a entrar à sala. Lauro foi desligado da escola antes do final do semestre. Com o auxílio do Conselho Tutelar, sua mãe finalmente conseguiu matriculá-lo, aos 13 anos, na segunda série de uma escola estadual com classe especial para deficientes mentais, situada no centro da cidade, na qual Lauro permanecia até o momento das entrevistas. Na escola o desenvolvimento acadêmico do aluno fica resguardado na escola de forma que os pais têm acesso restrito. Cobra-se pontualidade dos relatórios médicos e medicação dos alunos. Ressalta-se aqui a biologização do ensino, manifestada na escola especial e mesmo no ensino público, visto que as ditas classes especiais giram em torno da medicalização do ensino, mostrando-se rigorosa quanto às exigências de atendimento médico aos alunos e colocando em segundo plano as preocupações referentes ao conhecimento transmitido aos alunos. Segundo Moysés e Collares (1993) a biologização e conseqüente patologização da aprendizagem encobre determinantes políticos e pedagógicos do fracasso escolar, isentando de responsabilidades o sistema social vigente e a instituição escolar nele inserida (p.32). Ou seja, por trás da visível rigidez que envolve o processo de medicalização dos alunos está implícita uma política educacional que se isenta da responsabilidade de promover ao aluno dito especial conhecimentos relevantes ao seu desenvolvimento integral, cerceadas por questões alheias ao processo de ensino e aprendizagem dos educandos. No momento, a preocupação de sua família se volta à necessidade de manter seu filho na escola, não havendo maiores expectativas quanto ao futuro dele após a vida escolar. Embora não tenha conseguido matricular seu filho na antiga escola especial, ainda alimenta a esperança de conseguir esse feito, aguardando também uma vaga em outra escola com recursos especiais. Com relação aos **motivos de tentativa de retorno à escola especial** verificou-se que a tentativa de retorno à especial está diretamente relacionada às experiências negativas acumuladas nas escolas públicas ao longo da trajetória escolar de

Lauro, conforme sua mãe nos afirmou ao longo das entrevistas: *“Eles não estão preparados, é como se diz: ‘a criança não sabe, então que se dane. Não sabe então também não vou quebrar a cabeça’, sabe perder tempo. Então eu penso assim, porque foi o caso dele (...)*”. Destacamos aqui a sucessão de fatos negativos ocorridos na penúltima escola freqüentada por Lauro, na qual permaneceu em sala isolada, foi excluído de eventos escolares e prestou serviços de manutenção à escola junto aos demais funcionários, como já foi citado. Em contraste aos problemas enfrentados nas escolas públicas, sua mãe enaltece os diversos benefícios obtidos na escola especial sempre que questionada sobre o estabelecimento: *“Eles são ótimos, são como uma família pra gente, porque tudo o que você precisa está ali, médico, de tratamento, de tudo. Então, não tenho o que reclamar da escola, eles sempre foram ótimos, até hoje se eu volto para procurar alguma coisa eles me atendem muito bem, não tenho o que reclamar.”* A necessidade de retorno à escola especial está atrelada à necessidade de se adquirir atendimento médico, tarefa essa atualmente dificultada pela escassez dos serviços públicos, embora a escola onde Lauro estude atualmente exija constantes exames e atendimentos médicos dos alunos matriculados em classe especial, conforme nos diz sua mãe: *“Porque é assim, queira ou não queira a escola do estado cobra muito da gente essa parte de médico, neuro, psicólogo, só que eles não entendem que a gente tem dificuldade para conseguir esses médicos, porque vira e mexe eles estão cobrando, só que não é fácil. A gente leva quatro, cinco meses pra conseguir um neuro e aí quando a gente consegue ele saiu, não está mais no posto aí lá vai você correr atrás de novo, é complicado, e a escola está cobrando.”* Atualmente, a maior preocupação de sua mãe é com o futuro do filho caso não consiga matriculá-lo na escola especial, visto que ele permanecerá na atual escola somente até os 16 anos. Não alimenta muitas expectativas em relação ao futuro do filho fora da escola, tendo como meta garantir a sua permanência em algum estabelecimento de ensino. Com relação ao **conhecimento construído ao longo do processo de escolarização** foi possível perceber que Lauro ainda apresenta dificuldades na linguagem, é copista e não lê sem auxílio. Não realiza operações matemáticas, uma vez que segundo a mãe as atividades de matemáticas são raras na escola. Entretanto, sua mãe afirma que a rotina doméstica é normal, realiza algumas tarefas domésticas – auxiliando na limpeza da casa e fazendo o almoço quando necessário. Não viaja, isto é, vai para a escola no centro sozinho. A mãe leva e busca o filho. Lauro recebe medicamento diariamente, – Trofranil, comprimido, uma vez ao dia – indicado pela neurologista da escola especial para melhoria do comportamento, segundo a mãe, que costuma pegar o remédio nos postos de saúde. Segundo sua mãe, os locais onde Lauro obteve maior rendimento escolar foram a escola especial e a escola onde ele estuda atualmente, ressaltando que *“em dois meses que ele ficou nessa escola, o que ele não fez durante o tempo que ele ficou aqui (na escola do bairro) ele fez nessa escola”*. Entretanto, ela nos relatou que a atual professora parece não ser rigorosa quanto à anterior no que concerne às atividades propostas: *“Na verdade a gente gostava mais da outra professora porque ela cobrava mais deles, essa parece que não exige deles, não cobra deles.”*

## CONCLUSÕES

Evidencia-se que após o diagnóstico de Lauro como deficiente mental, independente da modalidade de ensino, foi compreendido como incapaz de aprender. De forma geral, é necessário reconhecer o atraso no que diz respeito à materialização da proposta de inclusão escolar, considerando-se a inexistência de políticas públicas efetivas que garantam a inclusão, bem como, ainda perduram justificativas para tal insucesso que se centram nas características particulares dos alunos envolvidos.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

COLLARES, C. A. L. e MOYSÉS, M. A. A. **A História não Contada dos Distúrbios de Aprendizagem.** Cadernos CEDES nº 28, Campinas: Papyrus, 1993

FERREIRA, Júlio Romero. **A nova LDB e as necessidades educativas especiais.** Cad. CEDES v. 19 n. 46 Campinas, 1998.

GLAT, Rosana. **Somos iguais a vocês – Depoimentos de Mulheres com Deficiência Mental.** Livraria Agir, 1989.

PATTO, Maria Helena Souza. **A Produção do Fracasso Escolar; Histórias de Submissão e Rebeldia.** Casa do Psicólogo, São Paulo, 1999